

cial interessa o individuo de que se fala. Numa ou outra hypothese é de praxe o emprego do possessivo reforçado:

Dizei que tens algum receio que se escureça o *teu* querido Orpheio (Cam., Lus. 3, 2) — [Dario] mais o *seu* Zopyro são prezara que mil Babilônias que tomara (ib. 3, 41) — *Do teu* príncipe ali te respondiam as lembranças (ib. 3, 121) — Magoa e saudade *do seu* príncipe e filhos que deixava (ib. 3, 124) — O nome *do seu* Pedro que lhe ouvistes por muito grande espaço, repetistes (ib. 3, 133) — É como o *nosso* menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos... (Vieira, Serm. 5, 290) — Compro melhor que todos o *nosso* peregrino o que Deos prometeo (ib., 5, 307) — Não foi admiravel o *nosso* santo velho porque isto fez (ib. 5, 307) — Contemplação... *do nosso* anachoreta (ib. 5, 311) — Os doze de Inglaterra com o *seu* Magriço (Cam., Lus. 1, 12) — E vereis ir cortando o salso elemento os *vossos* Argonautas (ib. 1, 18) — Não temais perigo algum nos *vossos* Lusitanos (ib. 2, 44) — Não ha Rachel que não tenha o *seu* Labão e a *sua* Lia (Vieira, Serm. 5, 441).

Pronomes demonstrativos

Do latim *iste, ista, istud* provieram em portuguez as variações pronominaes *este, esta, esto* (mudando-se a ultima forma mais tarde em *isto*). Reforçadas com a anteposição de **eccu-*, as mesmas formas latinas produziram em nossa lingua *aqueste, aquesta, aquesto*, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escriptores pre-camoneanos, e ainda em Gil Vicente, são frequentes os exemplos:

Nom foram os requerimentos e vozes *daquestes* de tanta efficacya (Zur. Guiné, 12) — E *aquesto* foe feito por seer em lembrança do maravilhoso millagre (ib. 6) — Nom foram Mouros tomados com tam honrada vitorya como *aquestes* (ib. 219) — Tange as patas pera cá. Como es *aqueste*, Jesu (G. Vic. 3, 44) — *Aqueste* so animal tem veias no coração, onde lagrimas estão (ib. 3, 114).

De *ille, illa, illud* procederam *elle, ella, ello* e, com o reforço **eccu-*, *aquelle, aquella, aquello* (convertendo-se este ulteriormente em *aquillo*). Passaram comtudo *elle* e *ella* a servir desde logo de pronome pessoal, e *ello* usou-se sómente em port. ant. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da lingua até hoje as formas reduzidas *o, a* (e *lo, la*), sendo estas empregadas não sómente como pronome pessoal (accusativo), mas ainda como pronome demonstrativo.

O latim *ipse, ipsa, ipsum*, deu-nos *esse, essa, esso* (port. mod. *isso*). Não produziu formas reforçadas paralelas ás dos outros dous pronomes.

Todos os demonstrativos terminados em *-e* ou *-a*, assim como a forma reduzida *o, a*, variaveis não sómente em genero, mas tambem em numero; funcionam ora como pronomes absolutos, ora como pronomes adjuntos. Todas as formas plenas terminadas em *-o* occorrem como pronomes absolutos, invariaveis, significando «esta cousa», «essa cousa», «aquella cousa». *)

O emprego de *aquillo*, em lugar de *aquello*, remonta ao seculo XVI. Mais antiga é a admissão de *isto, isso*; em Fernão Lopes occorrem já com frequencia estas formas a par de *esto, esso*. Exemplos do uso das diversas formas de pronomes demonstrativos absolutos, privativas da linguagem de outrora:

A muytos *esto* nom peza (D. Duarte, Leal Cons. 5) — Pouco *dello* se contentom (ib. 5) — O entendimento encomenda que logo de nossa mocidade a *ello* per afeicòm nos enclinemos (ib. 8) — E *esso* medes faz a outra spiritual (ib. 14) — Saibham bem husar *daquelle* por que som antre os outros tam avantejados (ib. 16) — E *naquesto* se desvaira esta quarta voontade (ib. 14) — Por ter em *ello* nom boa e fraca voontade (ib. 23) — Algũa enssynança acerca *dello* vos entende declarar (ib. 235) — Filharemos em *ello* prazer (ib. 237) — Que lhe outorgava *aquello* que lhe demandava (S. Josaph. 37) — Que lhe ensinasse *aquello* que conpria (ib. 36) — *Esto* dizia Josaphate (ib. 45) — *Esto* me prometeo Jesu Christo (ib. 45) — Nom fallemos em *ello* mais (F. Lopes, D. J. 28) — No curarom *desto* (ib. 29).

DESIGNAÇÃO DE COUSAS MAIS OU MENOS NITIDAS. — Se compararmos as impressões do nosso espirito a um quadro representando figuras e objectos diversos, podemos dizer que o demonstrativo *este* serve para indicar as imagens nitidas do primeiro plano, ao passo que *esse* designa as imagens mais apagadas do segundo plano.

Este é o demonstrativo das noções claramente delimitadas, conhecidas ou que facilmente suggerimos na mente de quem nos ouve. *Esse* applica-se áquillo de que nós temos, ou o ouvinte tem, noções vagas, indecisas; applica-se ás cousas longinquas ou que se estendem para longe.

*) Alguns autores não seguem esta regra a rigor. Assim lemos em Duarte Galvão, D. Aff. Heur. (28-29): *dando-vos nellos para o diante; ao bem e honra destes reinos*, e em Mor. Palmeirim d'Inglaterra (1,171): *E por esta razom se chamam estos montes os montes das tres hirndas*.

Se o emprego do demonstrativo tiver por fim suggerir uma noção do tempo, *este* indicará factos actuaes ou factos cujos effeitos perduram na actualidade; *esse*, pelo contrario, se referirá ao que existiu no passado ou existirá no futuro.

OS DEMONSTRATIVOS CORRESPONDENTES Á 1.^a E Á 2.^a PESSOA. — Com o demonstrativo *este*, *isto* indicamos cousas que dizem respeito a nós mesmos; com o pronome *esse*, *isso*, apontamos, pelo contrario, aquillo que tem antes relação mais intima com a pessoa a quem nos dirigimos. Esta regra se applica quando se trata de cousas que residem nas proprias pessoas (*esta alma*, *esta* (minha) *dor*, *essa* (tua) *paixão*) ou de partes do corpo, ou de lugar onde uma ou outra pessoa se acha (*esta casa*, *este paiz*, *este mundo*, *nesta cidade* (onde eu resido), *nessa cidade* (onde vós residis), como se vê nos seguintes passos:

Doce amparo *desta* cançada já velhice minha (Cam., Lus. 4, 90) — Para que *estes* meus versos vossos sejam (ib. 1, 18) — Inspira immortal canto e voz divina *neste* peito mortal (ib. 11, 1) — *Esta* perna trouxe eu d'ali ferida (ib. 5, 33) — A que novos desastres determinas de levar *estes* reinos e *esta* gente (ib. 4, 97) — *Esta* ilha pequena que habitamos (ib. 1, 54) — O Regente que *esta* terra governa (ib. 1, 55) — Se *este* nosso trabalho não te offende (ib. 6, 82) — Porque is aventurar ao mar iroso *essa* vida que é minha e não é vossa? (ib. 4, 91) — Inclinaí por um pouco a majestade que *nesse* tenro rosto vos contemplo (ib. 1, 9) — *Esse* gesto que mostras claro e ledó (ib. 3, 105) — Quem és tu? que *esse* estupendo corpo certo me tem maravilhado? (ib. 5, 49) — Não temais... que ninguem comigo possa mais que *esses* chorosos olhos soberanos (ib. 2, 44).

Cousas que se acham proximas de nós indicamos com o demonstrativo *este*, e para mostrar que se acham um tanto afastadas empregamos *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Eu só com meus vassallos e com *esta* (e dizendo isto arranca meia espada) defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Eu sou o illustre Ganges...; est'outro é o Indo, Rei que *nesta* serra que vês seu nascimento lem primeiro (ib. 4, 74) — E se te move a piedade *desta* misera gente peregrina (ib. 2, 32) — Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (ib. 6, 66) — Vê que *esses*, que frequentam os reaes paços, por verdadeira e sã doutrina vendem adulação (ib. 9, 27) — E guarde-se não seja inda comido *desses* cães que agora ama, e consumido (ib. 9, 26) — *Essas* honras vãs, *esse* ouro puro verdadeiro valor não dão á

gente (ib. 9, 93) — A *estas* criancinhas tem respeito (ib. 3, 127) — *Estas* reliquias suas (ib. 3, 129) — Fulgurara uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herc., Eur. 277).

Quando apontamos para cousas ou pessoas, proximas, ao mesmo tempo de nós e daquelle com quem falamos, prevalece o demonstrativo *este*:

Vês *este*, que sahindo da cilada dá sobre o rei...? (Cam., Lus. 8, 16) — *Estas* figuras todas, que apparecem...; *este*, que vês, é Luso (ib. 8, 2) — *Este* é o primeiro Affonso, disse o Gama (ib. 8, 1a) — *Este*, que vês olhar com gesto irado... Egas Moniz se chama (ib. 9, 13) — *Este* orbe, que primeiro vai correndo... Empyreo se nomêta (ib. 10, 81) — Olha est'outro debaxo, que esmaltado de corpos lisos anda (ib. 10, 87).

Semelhantermente fazem a distincção entre *isto* (que *eu* penso ou faço) e *isso* (que *tu* pensas ou fazes) ainda escriptores portuguezes do seculo XIX:

— Sabe? estou com idéa de mudar de casa. — Mudar de casa! Ora *essa*! Por que?... Então só hoje é que pensa *nisso*, creatura?! — E' verdade, tenho estado a pensar hoje *nisto*. Tenho minhas razões (E. de Queir., Crime 133); Embirro que faças *isso* diante do sr. parcho (ib. 100); nem me digas *isso* (ib. 114) — Nada: uma cousa de sentimento para o sr. parcho fazer idéa. — *Isso, isso*, disseram, uma cousa de sentimento! (ib. 65).

Na mesma obra de Eça de Queiroz ha frequentes exemplos de «nem diga *isso*» e «digo-lhe *isto*» (= é o que lhe digo), a pags. 194, 195, 198, 199, 257; «deixe-se *disso*» 257; «lá *isso*» 258 e passim. Confronte-se ainda:

— A senhora está certa *disso*? — Ora *essa*, sr. conego! (259); *Isso* [que tu dizes] não faço eu! (290) — *Isso* dizeis vós outros (Herc., Monge 1, 30).

O DEMONSTRATIVO REFERIDO A NOÇÃO DE TEMPO. — Nas determinações do tempo mais ou menos longo que abranja o momento em que se fala, emprega-se *este*, como: *esta semana, este mez, este anno, este seculo*. Reduzido o espaço de tempo á hora ou instante presente, usa-se, em linguagem familiar, muitas vezes o demonstrativo *isto* em lugar de *agora*:

Isto he noite fechada (G. Vic. 2, 467) — I-vos embora, senhor, que *isto* quer amanhecer (ib. 3, 37) — *Isto* vai sendo dia (ib. 3, 24)

— Mas *isto* é cedo (Garr. Fr. L. de Sousa, 126) — *Isto* são oito horas (ib. 57).

O demonstrativo *este* serve também para assignalar tempo muito proximo ao momento actual, mas este uso cinge-se a mui poucas expressões: *esta noite* (pode referir-se tanto á noite passada, como á vindoura), *esta manhan* (a manhan de hoje), *estes dias* (passados ou vindouros, mais proximos), *estes primeiros dias*.

Nisto no sentido de «então», «em tal momento» é expressão predilecta com que, durante uma narrativa, interrompemos o curso das idéas e chamamos a attenção para uma occorrença nova:

Mas mouro enfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Cam., Lus. 2, 41) — Não disse mais o rio illustre... Acorda Emanuel cum novo espanto, e grande alteração de pensamento. Estendeu *nisto* Phebo o claro manto pelo escuro hemispherio somnolento (ib. 4, 75) — Partiu-se *nisto* enfim co'a companhia (ib. 1, 72) — Dai velas, disse, dai ao largo vento;... Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros (ib. 2, 65) — *Nisto* Phebo nas aguas encerrou o cauro de crystal o claro dia (ib. 1, 56).

Em frases como as precedentes, *nisto*, indicando tempo, é expressão consagrada, que não se substitue por *nisso*. Não obstante dizemos *nesse instante*, *nesse dia*, *nessa hora*, *nesse anno*, alludindo a uma epoca distante da actual:

E logo *nesse instante* concertou pera a guerra o belligero apparatus (Cam., Lus. 1, 82) — Repartem-se e rodeião *nesse instante* as naos ligeiras, que hão por diante (ib. 2, 21) — Eis o que eu vi *nessa hora* de agonia (Herc., Eur. 51) — *Nessa noite* fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu pelos alcantis escaldados (ib. 28).

A simples anteposição do pronome *esse* a um substantivo suppre muitas vezes a locução adverbial de tempo:

Depois, *esse* clarão sinistro [= o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra (Herc., Eur. 52) — Ao cruzar os umbraes domesticos, *esses* terrores [i. e. existentes nessa occasião] sumiram-se com os objectos que os geraram (ib. 50) — O spectaculo maravilhoso que se passava *nesse* espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos (ib. 51) — Deixarei submergir o meu debil esquite, sem que a *esses* gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus (ib. 55).

> **AFASTAMENTO OU APROXIMAÇÃO MENTAL.** — O demonstrativo *este* suggere a noção de proximidade em relação á pessoa que fala; por isso tambem o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, comquanto de facto se ache um tanto afastada. O contrario se dá com o demonstrativo *esse*. Por outras palavras: com o pronome *este* a imaginação aproxima de nós cousas na realidade afastadas; com o pronome *esse* a imaginação arreda ou afasta de nós cousas que estão ou poderiam estar proximas:

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* [em vez de *dessas*] praias apartado, cheio dentro de duvida e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freixo (Cam., Lus. 4, 87) — Se *esta* gente, que busca outro hemispherio, não queres que padeçam vituperio (ib. 1, 38) — Que gente será *está* em si diziam (ib. 1, 45) — Entendido tenho *destes* christãos sanguinolentos que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incendios violentos (ib. 1, 79) — Vês Africa, dos bens do mundo avara... olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (ib. 10, 92) — [Neste ultimo passo a deusa, apontando para uma das muitas figuras que mostra ao Gama, deixa de empregar em opposição aos outros casos, o deictico *este*, indicando assim que Africa com seus habitantes é em tudo diferente e apartada da gente e terra européa]

Notem-se ainda os seguintes exemplos:

Sabe que quantas naos *esta* viagem que tu fazes fizerem de atrevidas [*esta* por *essa* indica que quem fala é pessoa vivamente affectada ou interessada], inimiga terão esta paragem (Cam., Lus. 5, 43) — Que descuido foi *este* em que viveis? (ib. 6, 28) — Oh tu geração daquelle insano, cujo pecado e desobediencia... te poz *neste* desterro e triste ausencia (ib. 4, 98) — Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (ib. 4, 99) — Oh vã cubiça *desta* vaidade a quem chamamos fama (ib. 4, 95) — *Esta* vinda *desta* gente estranha (ib. 8, 45) — Senhor... *estes* treedores *destes* Judeus dom Yuda, e dom Davi Negro que ssoam da parte da rainha, teem grandes tesouros escondidos (F. Lopes, D. J. 30) — Heide dar uma lição a *este* escravo *deste* povo que os soffre (Garr. Fr. L. 58) — Tens as mãos tão quentes! Beija-a na testa. E *esta* testa, *esta* testa!... escalda. — Se *isto* está sempre a ferver (ib. 84) — *Estes* ricos, *estes* grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades (ib. 81) — Que cerimoniaes são *estas*! Que Deus é *esse* que está *nesse* altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (ib. 153) — Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do aniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito?... (Herc., Eur. 48) — Contam-se cousas incriveis *desses* povos que assolam a Africa (ib. 54).

O DEMONSTRATIVO ANAPHORICO. — Nos casos até aqui estudados considerámos o demonstrativo na sua função pura de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da acção em relação á pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha tambem outro papel na linguagem: pode referir-se ás nossas proprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é *anaphorico**).

Serve á pessoa que fala *este*, *isto* de pronome anaphorico, para chamar a attenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou já anteriormente:

Entre *este* mar [que acabo de mencionar] e o Tanais (Cam., Lus. 3, 11) — E com *esta* victoria [que acabo de descrever] cobiçoso, já não descança o moço até que veja outro estrago, como *este*, temeroso (ib. 3, 76) — Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (ib. 3, 78) — Passada *esta* tão prospera victoria (ib. 3, 118) — *Este* [o citado Pedro] castigador foi riguroso de latrocínios, mortes e adulterios (ib. 3, 137) — *Estas* palavras taes falando orava: Sublime rei (ib. 2, 78) — Sentia escripta na consciencia... *esta* sentença cruel: nem a todos dá o tumulto a bonança das tempestades do espirito (Herc., Eur. 21) — *Isto* [que acabo de expor] chama prudencia o mundo estúpido e ambicioso (ib. 46) — Mas se *isto* assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendel-o (ib. 7) — Os arabes! eis o unico grito..., e *esta* palavra é como a peste quando passa (ib. 61) — *Estes* aproximaram-se emfim (ib. 139).

Se alludimos a duas pessoas ou cousas diferentes mencionadas antes, fazemos a distincção com o demonstrativo *aquelle* para a palavra nomeada em primeiro lugar, e *este* para a que vem por ultimo:

Não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado *aquelles*... e tornando**) *estas* mais solennes (Herc., Eur. 12) — O somno ou a vigilia, que me importa *esta* ou *aquelle* (ib. 119).

A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas proprias palavras dá ao pronome anaphorico tal importancia, que o pronome *estê*, *isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quaes, pelas con-

*, *Deictico* e *anaphorico* são termos tirados do grego e usados na linguistica moderna.

**) No original está *tornando*.

dições de afastamento ou tempo remoto, deveríamos esperar o uso do deictico *esse, isso* :

Ouvio-lhe *estas* palavras piadosas a fermosa Dione (Cam., Lys. 2, 333) — E *destas* brandas mostras commovido, ... as lagrimas lhe alimpa (ib. 2, 42) — Já *neste* tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — Tanto com *estas* novas se alegrou (ib. 1, 98) — *Neste* tempo que as ancoras levavão (ib. 2, 66) — *Isto* dizendo, os barcos vão remando pera a frota (ib. 2, 106) — *Nestas* e outras (ib. 4, 92) — Pelejai verdadeiros Portuguezes. *Isto* disse o (magnanimo guerreiro (ib. 4, 38) — E dizendo *isto* arranca meia espada (ib. 4, 19) — Ser *isto* ordenação dos Ceos divina por sinaes muito claro se mostrou (ib. 4, 3) — Por *estes* vos darei um fero Nuno (ib. 1, 12) — Enquanto eu *estes* canto (ib. 1, 15) — Hum só homem houve no mundo, que nascesse homem. *Este* foi Adam (Vieira, Serm. 8, 285) — *Neste* momento... soava um correr de cavallo á redea solta (Herc., Eur. 105) — Desde *este* momento a ala direita dos mosselemanos começou de afrouxar (ib. 108) — Vingança! — *Este* brado foi repetido por Oppas (ib. 109) — A *esta* hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (ib. 131) — *Neste* momento, aquellas vozes harmoniosas cessaram (ib. 136) — E é *neste* paiz [de que acabo de falar] que os caminhos de ferro estão devolutos por todo o tempo do officio divino (Herc., Land. e Narr. 2, 214) — *Nesta* cidade de Manchester [a que me estou referindo] ha jardins zoológicos e botanicos que o povo frequenta gostoso (ib. 2, 214).

Querendo alludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo individuo ou individuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.^a pessoa *esse, isso* :

Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura — Calydonio: *Essa* [que tu acabas de proferir] palavra desditosa he alhea da escola de Christo (Arr. 582) — Por *essas* e outras taes visitas [de que vós falais] ficou o pobre do rei tão bem creado (Mello, Apol. Dial. 220) — Para que he fallar nesses [que dizes]? *Nesses* e outros semelhantes fallão todos, por isso não fallou eu (ib. 233) — Rogo-te... que me perdoes *isso* que dizes que te fiz (F. M. Pinto 3, 176) — Confronte com: E como tu *disto* que eu digo não podes ser o juiz... ey por escusado responder por mim (ib. 3, 170) — Mas... *nesse* caso... visto *isso* [=segundo o que tu acabas de dizer]... Visto *isso*, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio (Din. Morg. 2, 114).

EXPRESSÕES CONSAGRADAS. — Posto que o emprego dos demonstrativos dependa em geral das regras até aqui expostas, ha comtudo certos dizeres em que se fixou, ou tende a fixar, o uso de um dos demonstrativos, sem attender a quaesquer considerações.

Assim, para indicar que vamos esclarecer um pensamento anterior, recorremos á expressão *isto é* (e nunca *isso é*).

Para representar pleonasticamente o sujeito, ou objecto, usa-se *esse*, *isso* :

Comer a baleia a Jonas, *essa* he a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira, Serm. 9, 321) — Quem fizer a vontade de meu pai... *esse* he minha mãe (ib. 3, 25) — A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herc., Lend. e Narr. 2, 12) — A podenga negra, *essa* sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima (ib. 2, 14) — Neves da serra no inverno, soes..., noites e madrugadas, *disso* se ria elle (ib. 2, 8) — Cujos eram os arreios, *isso* sabia-o o diabo (ib. 2, 41) — D. Diogo, *esse* ficou-o crendo (ib. 2, 45) — O Lidador, *esse* tinha sido posto em cima dumas andas (ib. 2, 90) — A sciencia, *essa* é invulneravel (C. Castello Branco, Boh. 436) — Quanto ao... Simões... *esse* (ib. 446) — Aquelle que o alcançar, *esse* achou a tragedia nova (Garr. Fr. Luis de Sousa, 10).

Diz-se communmente *por isso* ; mas encontra-se tambem a locução *por isto*. Na negativa usa-se dizer *não por isso* e *nem por isso* :

O pay pode não amar o filho, mas *nem por isso* deixa de ser pay; o filho pode não amar o pay, e *nem por isso* deixa de ser filho (Vieira, Serm. 8, 238) — Mas *nem por isso* vos negarei (ib. 2, 332) — João era parente, e parente muy querido; mas *nem por isso* João foi anteposto a Pedro (ib. 2, 358) — He verdade, que o primeiro amor he o primogenito do coração, porem a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas *não por isso* o mayor (ib. 2, 385).

Isto de equivale a «no tocante a», «no que diz respeito a» :

Isto das filhas tem muyta necessidade de attençam (Vieira, Serm. 8, 170) — *Nisto de* lugares vai grande engano (ib. 3, 152) — Como amasse, amou; e *isto de* amor sobre haver amado, não he só amar, senão amar mais (ib. 2, 388) — *Isto de* politicos (Din. Morg. 112) — *Isto de* metter scismas ás crianças (ib. 2, 158).

DEMONSTRATIVO E ARTIGO. — O demonstrativo o seguido immediatamente de substantivo confunde-se em geral com o artigo. Acompanhado porem de preposição (geralmente *de*), v. g. na frase *força maior que a dos homens*, ou de uma oração adjectiva, v. g. *força maior do que a que os homens possuem*, resalta bem o character de pro-

nome anaphorico. No segundo caso o tambem pode ser substituido por *aquelle*. Ainda é pronome demonstrativo a palavra *o*, junto ao verbo *ser*, referindo-se a predicado mencionado antes, como *podia ser honrado, mas não o é*, ou referindo-se a uma frase inteira, que não queremos repetir. Nestes dois casos o demonstrativo tem a forma invariavel *o*, equivalente a *isso, tal* (cousa).

Pronomes relativos

Chamam-se pronomes *relativos* aquelles que, referindo-se a um nome ou a outro pronome anteriormente mencionado, o antecedente, iniciam oração subordinada a este. Pode a oração relativa delimitar o sentido do antecedente, como no exemplo *pedra que rola não cria bolor*, e neste caso é **restrictiva**; ou accrescentar simplesmente uma explicação, e então será **explicativa**, como neste exemplo: *concei o facto a Paulo, que por sua vez o contou a Antonio*.

Num e noutro exemplo a palavra *que* é pronome relativo, tendo para antecedentes respectivamente *pedra* e *Paulo*. No segundo caso vê-se que o pronome tem o mesmo sentido que *e elle, e este*; mas ao passo que os dous ultimos pronomes podem occorrer em orações principaes, cabe ao relativo *que* sempre papel secundario e dependente.

Possuimos em portuguez os pronomes relativos *que, o (a) qual, quem* e a forma possessiva *cujo* commum aos tres pronomes. Podemos ainda accrescentar a palavra *onde* quando equivalente de *em que*, e admissivel sómente quando se referir a nome que exprima cousa ou lugar:

Terra *onde* se informe da India e *onde* a gente se reforme (Cam., Lus. 1, 40) — Empresa *onde* rosto e narizes se cortava (ib. 3,41).

Variaveis são apenas: *o (a) qual*, plural *os (as) quaes*, de accordo com o antecedente, e *cujo*, que segue o genero e numero do substantivo posposto representando a cousa possuida.

Que, vocabulo atono ou de tonalidade fraca, é o relativo de emprego mais commum. Occorre em oração ex-

plicativa como em oração restrictiva, e tem para antecedente um nome ou um pronome.

O *qual*, pronome de tonalidade forte, presta-se a melhor avivar uma noção enunciada pouco antes (o seu antecedente); presta-se por isso mesmo também a evitar o sentido ambiguo em periodos com orações adjectivas subordinadas umas ás outras. Já se usou igualmente na acção de «este», ou como pronome demonstrativo anaphorico, segundo se depreheende da leitura de documentos diferentes até o seculo XVI, nos quaes com frequencia occorre depois de pausa forte (ponto e virgula ou ponto final). Exemplos em que o *qual* alterna com *que* afim de evitar o sentido dubio:

A mui grande Mandinga... *que* do curvo Gambea as agoas bebe, *as quaes* o largo Atlantico recebe (Cam., Lus. 5, 10) — Como o febricitante em dia ardente de estio, *que* aspira a brisa da tarde, *a qual* não pode saral-o, mas *que* lhe refrigera... o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar (Herc., Eur. 77) — Torrentes de guerreiros *que*... acometiam ao lado dos Arabes, *os quaes* vacillavam e retrocediam (ib. 91).

Como demonstrativo anaphorico referido a um facto ou a um pensamento inteiro podia usar-se em port. ant., em lugar de *isto*, a expressão *o que* alternando com *a qual cousa*:

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, rreçebemdoa depois de praça, *o que* fazer nom podia seemdo seu marido vivo (F. Lopes, D. J. 348) — E ell despemssando com elles... leixallo hia estomçe em emcarrego de sua comçiencia; *a qual cousa* nom ouve, nem numca lhe foi supplicado (ib. 359) — E posto que casar podessem sem despemssaçom, *o que* nom podiam... isto soo he abastante (ib.) — E per esta guisa sse passaram sobre este feyto outras muytas rrazoões. *Ao que* elrey rrespondeo que elle avia por milhor de teor assy seu arayall (Zur. Ceuta 186) — E se trabalhariam de fazer alguã novidade em vossos rreynos, *o que* seria azo de grande prigo (ib. 184) — E mandou logo fazer prestes toda a frota... *a qual cousa* foy feita muy ledamente (ib.) — Vos verees, disse elle, muito çedo aquillo que agora chamaes fantasmas... *A qual cousa* nenhum dos outros podia creer (ib. 167) — Nom duvidou deçemder do çeeo, e poersse antre nós... ataa seer morto na cruz e livrarnos. *Em o que*... nos deu exemplo maravilhoso (ib. 162) — Rrogo... que façaes delles [peccados] penitência, avemdo firme proposito de vos guardar de pecar daqui em diante. *Polla qual cousa* serees assolltos de culpa (ib. 161).

Os escriptores da Renascença poucas vezes empregaram *a qual cousa*, *da qual cousa* etc., e adoptaram geral-

mente *o que, do que, no que, pelo que*, maneira de exprimir mais simples, mais elegante e que continuou a usar-se até os nossos dias. Dos exemplos sem conto desta linguagem bastará mencionar os seguintes:

Estes tres irmãos ficaram moços per falecimento de seu pai, *pelo que* o Imperador seu tio os criou em sua casa (D. de Goes 574) — As quaes partes o fizeram vingar o adulterio que a Emperatriz... cometia com hum seu veador della, e a matou com o mesmo adultero na cama, *do que* depois sobcedeo fazer o conde... crua guerra aos Saxões (ib. 574) — Tomou o castello de Cule... *o que* feito se foi a Arles (ib. 574) — Ficava por saber... donde procede esta real genealogia... *no que* assi como achei pareceres e opiniões differentes, achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa (ib. 577) — E lhe disserão que sem falta nenhũa seu filho morreria aquella noite, *pelo que* lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (F. M. Pinto, 2, 221) — Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinham..., *pelo que* lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (ib. 2, 222) — Passado o primeiro sono acendia candeia, *pera o que* levava aparelho de fuzil e pedermeira (Sousa, S. Dom. 198) — Acudio o prior... dizendo que seria bem tomar primeiro ordens de missa, *pera o que* logo deu traça (ib. 186) — Avia juntas mais de cem molheres... huas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando...; *do que* tudo resulta ajudarem em hũa grande parte a despesa commum (Sousa, Arc. 1, 202) — Ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram. *Do que* resultado declararem-no logo por Leytor de Artes do Collegio de Lisboa (ib. 1, 31) — Lembrava a elrey a obrigação que tinha... de ser S. Magestade o primeiro e mais riguroso zelador dos santos decretos... *pera o que* convinha que nem quizesse dispensação do Papa (ib. 1, 366) — Diz a mesma prophetiza que Deos para isso ha de conservar os pés dos seus santos... *O que* literalmente não só se pôde, mas deve entender dos pés de São Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 440) — Não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiveram [as ossadas] com ella. *Pelo que*, foi força acomodar-se áquelle trabalho penosissimo (Bern. N. Flor. 2, 130) — De sejará o leitor saber alguma cousa destas mysteriosas significações das vestes sagradas. *Ao que* satisfaremos brevemente (ib. 3, 382) — Logo o verdugo lhe cortou a cabeça. *O que* vendo Sto. Epitecto, deu gloria e louvor a Deus (ib. 3, 419) — *Ao que* elle respondeo (ib. 1, 28) — *Do que* tudo redundaram grandes cumulos de gloria (ib. 1, 85) — Em confirmação *do que* referirei... (ib. 1, 90).

As expressões *o que, no que, pelo que* (ou *polo que*, como tambem se dizia) referidas a facto que se acaba de enunciar, conservam sempre o determinativo *o*; diz-se porém, geralmente *com que*, e alguns autores costumam simplificar *ao que* em *a que*. Algumas vezes encontra-se tambem *de que* por *do que*:

Os nomes... achamos tambem no pergaminho... usando delles o autor... com pouca differença do poeta... *Com que* se fica acreditando bastantemente o poeta e o pergaminho, hum ao outro (Sousa, Arc. 1, 157) — Acudiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade: *com que* foy tanto o rumor... que não pudera ser mayor se entrara a pessoa delrey (ib. 2, 43) — Considerando que as monçoens estavam no fim e que naquelle tempo se fechavão os portos, *com que* seria obrigado a invernar alli... no meyo desta afflicção fez voto a S. Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 282) — Executou fielmente... e logó se ausentou para a sua patria. *Com que*, não houve lugar nem via por onde se soubesse... (Bern. N. Flor. 1, 489) — E assim lhe foi concedido; *com que*, chegou huma capa a cobrir toda huma cidade (ib. 2, 177) — *A que* elle replicou (F. M. Pinto 2, 235) — Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? *A que* respondemos que seria pelo successo de guerra (ib. 2, 236).

Com referencia a antecedente expresso por nome ou pronome, existe, ao lado da forma atona *que*, a forma tónica *quem*, usada porém sempre com preposição. Assim dizemos: *aquelle que* procura e *aquelle com quem* andas; *o filho que* obedece e *o pai a quem* respeita. Este depender da presença ou ausencia de preposição é caso analogo ao das formas pessoaes *mim* e *me*, *ti* e *te*, etc. Mas como, em principio, não se applicam a cousas as expressões *a quem*, *de quem*, etc., o phenomeno deixa de ter a latitude que era de esperar.

Esta direcção no sentido dos seres animados, ou, mais rigorosamente, dos entes humanos, é devida sem duvida á influencia da palavra *quem* empregada como pronome interrogativo.

De facto, o pronome *quem*, preposicionado e com antecedente expresso, reserva-se hoje para seres humanos, (de um ou outro sexo, no singular ou no plural) raramente para outros entes animados:

Abasteciam a mesa desses godos, *a quem* a desgraça e a vida dura das solidões fizora mais fero (Herc., Eur. 103) — Comparavel ao bramido de cem leões *a quem* os caçadores do Atlas houvessem... roubado os seus cachorrinhos (ib. 302) — Abandonado pelos mais nobres guerreiros, *para quem* a paz com os infieis seria incomparavel deshonra (ib. 165) — Quem fallava commigo sabe que he o anjo de Deus, como era o que S. Valeriano viu que fallava com Santa Cecilia sua esposa, *a quem* elegi por protectora do negocio que agora vos communicarei (Bern. N. Flor. 2, 344) — Convertceu-se a Deus, e lhe entrou a luz do desengano com a morte de sua mulher, *a quem*

muito amava (ib. 3, 338) — Nelle tinha já destinadas as pessoas a *quem* havia de fazer o provimento (Vieira, Serm. 2, 112).

Ao sentir da linguagem actual parece pois um tanto arrojada a prodigalidade com que nos *Lusiadas* se emprega este pronome. Deixa-nos a impressão de que o poeta quiz dar vida e personalidade ainda ás cousas mortas; e de boa vontade substituiríamos *quem* por *o qual* nas seguintes passagens:

Jaz a soberba Europa, a *quem* rodeia... o Oceano e... o mar Mediterraneo (Lus. 3, 6) — Cidade nobre e antiga, a *quem* cercando o Tejo em torno vai, suave e ledo (ib. 4, 10) — Desta vaidade a *quem* chamamos fama (ib. 4, 95) — Deixando a serra asperrima Lioa co cabo a *quem* das Palmas nome demos (ib. 5, 12) — Eu sou aquelle occulto e grande cabo a *quem* chamais vós outros Tormentorio (ib. 5, 50) — Chamam-te fama e gloria soberana, nomes *com quem* se o nescio povo engana (ib. 4, 96) — Andando, as lacteas tetas lhe tremiam *com quem* Amor brincava e não se via (ib. 2, 36).

Tambem na linguagem actual pode-se usar *o qual* em lugar de *quem* (referido a ente humano). A substituição é possível quando o antecedente vem enunciado por um nome e não por outro pronome. Assim dizemos: *um amigo a quem* (ou *ao qual*) *devo muitos favores, uma filha a quem quero muito bem, porém tu a quem obedece todo o mundo; aquelle a quem tudo está sujeito; outros em quem poder não teve a morte.*

PRONOME RELATIVO INDEFINIDO. — Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocabulo *quem* ahi suggere a noção de «homem (ou mulher) que», «alguem que» sentimo-nos propensos a ladear a questão linguistica, analysando não já o pronome tal qual em taes frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semantico. Esse methodo condemnavel, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espirito quando applicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse; não faças mal a quem quer que te offenda* *).

*) Que seria forçada a decomposição em «homem que», ainda se evidencia formando frases analogas em outras linguas, v. g. em francez com *quiconque*, em latin com *quisquis, quicumque*, etc.

Sweet propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois ultimos exemplos a denominação de relativo *condensado* «por desempenhar o proprio relativo tambem funções de antecedente». Qualificativo comodo, sem duvida, mas não ditado pelo criterio historico-comparativo. Estudos mais rigorosos (Delbrück e Brugmann) permittem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogações indirectas e ao indefinido *quem*.

O relativo indefinido gera orações de character substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de character adjectivo. Comparemos *quem trabalha* (o trabalhador) e o *general que venceu* (o general victorioso).

Constituem as orações do primeiro typo um todo e se forem precedidas de preposição dependente de verbo ou nome de outra oração, esta particula regerá não a palavra *quem* sujeito, mas a frase toda como se fosse um substantivo:

O sprito deu a | *quem* lh'o tinha dado (Cam., Lus. 3, 28) — Por via irá direita | *quem* do opportuno tempo se aproveita (ib. 1, 76) — Não sabem nesta pressa | *quem* lhe valha (ib. 2, 25) — Tem cuidado de | *quem* sem ti não pode ser guardado (ib. 2, 31) — Por ter sujeito o coração a | *quem* soube vencel-a (ib. 3, 127) — Sabe tambem dar com clemencia a | *quem* para perde-la não fez erro (ib. 3, 128).

Evidentemente *quem* tambem pode servir de objecto na oração substantiva e como tal poderá ter sua preposição propria:

Não tendo Gothfredo | *a quem* resista (Cam., Lus. 3, 27) — Não tendo | *a quem* vencer na terra (ib. 4, 48) — Assi recebem junto e dão feridas como | *a quem* já não doe perder as vidas (ib. 4, 39).

Tudo quanto até aqui expuzemos a proposito de *quem* refere-se unicamente á função e emprego deste pronome. Quanto á origem do vocabulo, importa saber que o pronome *quem* nada mais é do que o accusativo latino *quem* dos pronomes relativo, interrogativo e relativo-indefinido *qui*, *quis*. O vocabulo, pronunciado differentemente do latino, accommodou-se a funções que não tinha, podendo

servir não só de complemento, mas ainda de sujeito de oração*).

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos da lingua portugueza desde os seus primeiros tempos são: *quem*, *qual*, *que*. Como equivalente de *que* (= que cousa), e em certos casos preferida, surdiu e fixou-se em portuguez hodierno a forma tónica *o que*.

Quem (do latim *quem*) é sempre pronome absoluto, invariavel, com o qual em pergunta nos referimos a pessoas desconhecidas ou indeterminadas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino:

Quem está ali? — *Quem* te disse tal cousa? — *Quem* é aquella mulher? — *Quem* são os filhos do Egypto senão os filhos deste mundo? (Bern. N. Flor. 3, 458) — *Quem* são teus pais? (ib. 3, 404) — O' filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, *quem* fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas...? (F. M. Pinto 2, 304).

Tem este pronome a forma possessiva *cujos*, dando-se-lhe genero e numero da cousa possuida.

Cujas sã estas coroas tão esplandeçentes (S. Josaph. 47) — *Cuja* he esta barca que preste? (G. Vic. 1, 232) — *Cuja* he esta imagem? (Vieira, Serm. 5, 334) — E as despesas deste injusto intertenimento... por *cuja* conta correm? (ib. 2, 92) — E todos esses bens que juntaste a que chamas bens, *cujos* serão? (ib. 5, 456).

Esta forma possessiva é desusada hoje em dia nas interrogações. Em seu lugar diz-se geralmente *de quem*: *De quem* são estas coroas? *De quem* é esta barca? etc.

Que pode ser pronome absoluto ou adjunto. No primeiro caso é usado em opposição a *quem* para denotar cousa e não pessoa. No segundo caso tem o sentido de « que especie de »:

Que é isso? — *Que* te disse eu? — *Que gente* será esta?... (Cam., Lus. 1, 45) — *Que contos* poderemos ter melhores pera passar o tempo,

*) A função de accusativo que tinha a forma latina *quom* só persiste — diz Meyer-Lübke — no dialecto logudorense, ao passo que nos demais falares que se servem deste vocabulo (rumeno, campidanez, obwaldez, suizo, malhoquez, hespanhol e portuguez). é elle empregado tambem como nominativo.

que de amores? (ib. 6, 40) — *Que má tenção, que peito em nós se sente, que de tão pouca gente se arreceia?* (ib. 2, 81).

Qual com o seu plural *quaes* indica selecção entre diversas pessoas ou cousas e emprega-se em geral isoladamente, mas algumas vezes também com o nome logo depois:

Qual será o amor bastante de nympha que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Orgulho humano, *qual* és tu mais — feroz, estúpido ou ridiculo? (Herc., Eur. 25) — Em *qual* coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio de Hespanha? (ib. 27) — *Quaes* d'entre vós... sois neste mundo sós?... — *Quaes* de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano? (ib. 185) — Em *qual* das atalaias estão os traidores? (ib. 208) — *Qual* caminho seguem os arabes? (ib. 262) — E *quaes* foram as novas dos pegureiros? (ib. 262) — Era necessario que as monjas soubessem *qual futuro* as aguardava (ib. 143).

INTERROGAÇÕES INDIRECTAS. — As perguntas não se fazem só directamente, isto é, elevando a voz no fim da proposição ou pondo um signal particular na escripta. Tornando a questão dependente de verbo que exprima ignorancia ou duvida, também denunciámos muitas vezes o desejo de uma resposta. Comparem-se estes exemplos: *Que gente é esta?* e *Não sei que gente é esta.* Sob a mesma feição indirecta (oração dependente) também podemos dar conhecimento a outrem de perguntas que na realidade se formulam directamente. Assim transformamos em *Perguntou-me quem eu era e qual o meu officio* a questão directa *Perguntou-me: quem és tu? Qual o teu officio?*

São ainda interrogações indirectas proposições como *vejamos quem elle é, e o que nos traz* correspondendo ao typo primitivo *Vejamos* (estas questões): *quem é elle? e (o) que nos traz?*

Vê-se claramente que as palavras *quem, qual, que* sendo pronomes interrogativos nas questões directas, também o são nas respectivas questões indirectas, nem podem ser outra cousa.

ORIGEM E EMPREGO DO INTERROGATIVO *o que*. — Esta forma foi a principio estranha á lingua, mesmo nas interrogações indirectas onde mais tarde se generalizou. Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei eu bem *que* [= o que] vus van dizer (Canc. 36, 155) — Vedes *que* [= o que] lhe rogarei (ib. 75, 105) — Vedes *que* mi aven (ib. 99, 206) — Seu coração nunca soube *que* era medo senom de pecar (Zur. Guiné, 24) — Nom sabyam *que* [= o que] era pam nem vinho (ib. 137) — Não sei *que* he nem *que* não (G. Vic. 3, 73) — A vizinhança *que* [= que cousa] dirá se meu marido aqui não 'stá e vos ouvirem cantar (ib. 3, 35) — Nunca sabe *que* [= o que] é temor (ib. 3, 112).

Em muitos casos o sentido era dubio, ou pelo menos confuso, porque a palavra *que*, alem de pronome, tambem pode ser particula (conjunção); *eu bem sei que dizem* tanto corresponderia ao inglez *I know what they say* como a *I know that they say*. D'ahi a necessidade de um expediente, e este expediente se encontrou nas expressões *a cousa que*, *aquillo que*, ou, mais simplesmente, *o que*.

O confronto de *não sei o que é* com as frases paralelas *não sei quem é*, *não sei qual é*, determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocabulo *o*, passando elle a funcionar, nas interrogações indirectas, como um reforço do pronome *que*.

Admittida a forma *o que* na interrogação indirecta, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas directas. Aqui de facto penetrou, menos pelo sentido dubio da forma primitiva do que por uma questão de ordem phonetica. *Que* tornara-se vocabulo atono ou quasi atono; *o que* possuia accentuação forte, que conservou até hoje.

Collocado no fim da frase, o interrogativo necessariamente tem de sobressahir pela intonação; por isso o antigo *que* foi suplantado por *o que* nestas frases:

Vais escrever *o que?* [por *vais escrever que?*] — Via-se descer, romper, saltar... *o que?* (Herc., Lend. e Narr. 2, 39) — Foi aqui *o que?* (Garr., Viagens 1, 72) — Mas... ella *o que?* (ib. 1, 133) — Senão *o que?* (Garr., Cam. 1, 122) — Deveis *o que?* (ib. 68) — Dizem *o que?* Devo... *o que?* Dizes *o que?* Fazer *o que?* (exemplos de A. F. Castilho).

Nenhuma alteração requer o interrogativo *que* quando regido de preposição; esta, como palavra proclitica que é, basta para reviver a tonalidade amortecida dos pronomes *): *Escreves para quê?* (ou *para que escreves?*) *Fa-*

*) O mesmo phenomeno se observa nos pronomes pessoais. Comparem-se *me e a mim*, *te e de ti*, *nos e para nós*. Em outras linguas tambem vemos factos analogos (v. g. em francez *me* e *à moi*, em allemão *er* *sieth* *nicht* e *das* *ist* *für* *mich*).

larás de quê? Divertiram-se com quê? Dedicou-se a quê? (ou a que se dedicou?) Em que consiste a felicidade? (ou a felicidade em que consiste?).

No principio ou no meio da oração, o simples *que* (não preposicionado) pode ser substituído por *o que*, desde que o escriptor queira pôr em relevo o interrogativo. A necessidade desse relevo no começo de pergunta não se animaram os escriptores a manifestar senão modernamente. Ao senso commum parece tão legitimo *dizes o que?* como *o que dizes?* A grammatica, reconhecendo interrogativo accentuado no primeiro caso, reconhece-o tambem no segundo*). É isto o que explica as seguintes passagens:

O que é que eu vejo? Estes gritos, que são?! (Castilho, Metam. 154) — Eu, nympha, eu, menos forte, o que podia? (ib. 264) — O que foi isto? (Castilho, Fausto 177) — Logo, se não é drama, o que é? (Castilho, Cam. prol.) — Agora por isto, que será feito de frei Timotheo? 1... — O que será feito delle? (Herc., Lend. e Narr. 2, 135) — O que hade ser della e de nós? (Garr., Fr. L. de Sousa 41) — E a voz da terra, o que é? (Herc., Harpa do Cr.) — O que é o direito da propriedade? o que é o livro? (Herc., Opusc. 2, 64-65).

Posto que os supracitados exemplos de *o que* a par do simples *que* sejam de autores do seculo XIX, não se colhendo exemplos analogos em seiscentistas nem na linguagem grave dos quinhentistas, é certo entretanto que o emprego do interrogativo *o que* na linguagem falada remonta pelo menos ao seculo XVI. Houve, neste longo periodo, da parte dos escriptores o receio de afastar-se da tradição, não ousando elles admittir em suas obras uma expressão já sancionada pelo falar usual. Provam a antiguidade do emprego do interrogativo *o que* os trechos seguintes:

O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam? (Sá de Mir. 2, 98) — Riqueza ou grande poder, ou muito alta senhoria, ou bonança ou alegria, pois logo deixa de ser, quando era, o que seria? (G. Vic. 3, 344) — Ora, senhor, o que dizeis? (A. Prestes 199) — Agora o que has de fazer? (ib. 490) — O que hão botas com chinelas? (ib. 159) — Moço, isto o que quer ser? (ib. 315).

*) Tentaram alguns explicar o caso de *o que* posposto, e só esta hypothese, pela ellipse, esquecendo-se de que a elastica figura torna por identico raciocinio muitissimo legitimo tambem o caso de *o que* iniciando a oração.

Veja-se sobre este assunto o meu livro *Difficuldades da Língua Portuguesa*, cap. *Phenomenos de intonação*.

Pronomes indefinidos

Os pronomes pessoais, referindo-se, segundo vimos, ao individuo que fala e áquelle com que se fala, representam, cada vez que se empregam, pessoas certas e determinadas. O pronome da 3.^a pessoa, substituindo um nome anteriormente mencionado, lembra um ente determinado e conhecido pelo discurso. Poderíamos, pois, dizer que o pronome pessoal é um pronome *definido*.

A par destes pronomes existe um grupo de vocabulos de caracter pronominal que, como a palavra «elle», requerem o verbo na 3.^a pessoa, differindo todavia do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra *alguem*, ou um ente qualquer, que recordará, mas não necessariamente, algum nome enunciado antes. Constituem taes vocabulos o grupo dos pronomes *indefinidos*.

Parte dos pronomes indefinidos são invariáveis, v. g. *alguem*, *outrem*, *ninguem*, e, como os pessoais, só se usam substantivamente; parte são variáveis, v. g. *algum*, *outro*. e empregam-se as mais das vezes como adjuntos, isto é, como adjectivos a delimitar os seres expressos pelos nomes a que se ajuntam. Excepcionalmente é o indefinido *cada* a um tempo adjunto e invariável.

Os pronomes indefinidos confundem-se ás vezes com os quantitativos ou numeraes. E a classificação em uma ou outra categoria na verdade só é possível pelo sentido, apurando-se se domina a noção de pessoa ou cousa vaga e indeterminada, ou se a de quantidade ou numero. Confronte-se o sentido de «muita» nestes exemplos: *muita gente não pensa assim*; *havia muita gente na praça*.

INDEFINIDOS DISTRIBUTIVOS. — Indicam distribuição, em frases coordenadas, dous ou mais pronomes differentes, como *um... outro*, ou o mesmo pronome repetido, porem reportado a seres differentes, como neste exemplo: *quem o abraça, quem o beija por um o abraça, outro o beija*.

Possuia a nossa lingua uma variedade notavel de indefinidos distributivos. Foram porem cahindo em desuso